



O CONHECIMENTO

Wladimir Flávio Luiz Braga

Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais
Professor de Deontologia Jurídica e Teoria Geral do Direito da Faculdade de Direito de Campos
Membro da Ordem dos Advogados do Brasil - Conselho Seccional de Minas Gerais

Nosso conhecimento é bastante limitado. Aquilo que sabemos, não sabemos em profundidade e de forma absoluta. Daí concluirmos que a maior parte do nosso conhecimento é relativa e apenas provável, pois é ousado – embora possível – admitir uma certeza ou forma de conhecimento absoluta.

Para os gregos, a partir do olhar de assombro diante do mundo é que se começou a pensar.

Assim, o conhecimento se inicia quando as coisas nos provocam a fazer perguntas: como? quando? por quê?

A tarefa de conhecer pode ser resumida na relação entre o sujeito cognoscente (que busca o conhecimento) e o objeto conhecido (que se dá a conhecer).

O conhecimento é, assim, produto da conjunção da atividade do sujeito com a manifestação de um objeto que de alguma forma se lhe mostra atraente/interessante; surge da reação do organismo a um estímulo conveniente.

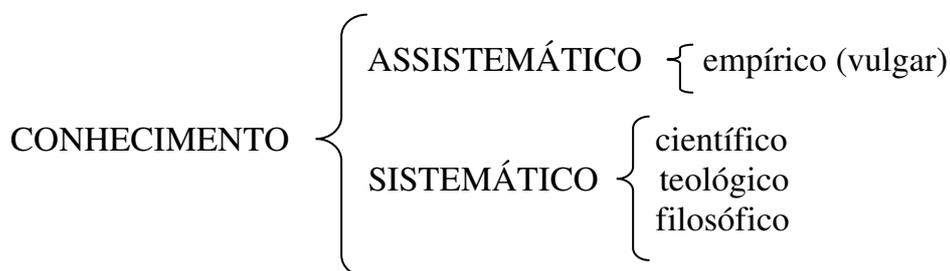
Neste processo não podemos descartar que há certa apropriação do objeto pelo sujeito, podendo, por vezes, este objeto fazer parte do sujeito ou confundir-se com ele próprio.

O conhecimento sensível ou sensorial, comum tanto aos homens quanto aos animais, é fruto da atividade dos sentidos (ex.: percepção de cores, sons, imagens, lembranças, etc.).

O conhecimento intelectual ou intelectual, atributo/privilégio dos homens, resulta da capacidade de pensar, refletir, abstrair; na condição de construir conceitos, princípios, leis, teorias.

Pelo conhecimento o homem penetra as diversas áreas da realidade para dela tomar posse, situando cada ente, fato ou fenômeno isolado dentro de um contexto mais amplo, em que se perceba seu significado e função, sua origem e estrutura fundamental.

O conhecimento humano se divide em quatro níveis ou formas, permitindo quatro espécies de consideração sobre uma mesma realidade:



Conhecimento Teológico

Representa aquelas verdades a que os homens chegaram não com o auxílio puro e simples da inteligência, mas mediante a aceitação dos dados da revelação divina, da fé.

Vale-se, de modo geral, do argumento de autoridade. São os conhecimentos adquiridos nos Livros Sagrados [Bíblia (cristianismo); Torá (judaísmo); Alcorão (islamismo); Bhagavad Gita (hinduísmo); Dhammapada (budismo), etc.] e aceitos (racionalmente) pelos homens depois de terem passado pela crítica histórica mais exigente.

A partir daí, o conteúdo da revelação, comprovado pelos sinais que a acompanham, reveste-se de autenticidade, segundo os variados critérios das religiões existentes.

Conhecimento Filosófico

A Filosofia está num ponto intermediário entre a Teologia e a Ciência.

Como Teologia, consiste em especulações sobre assuntos a que o conhecimento exato não conseguiu chegar, mas como Ciência, apela mais à razão humana do que à autoridade da tradição ou da revelação.

Todo dogma, toda crença, pertence à Religião.

Todo conhecimento positivo, definido, pertence à Ciência.

Há muitas questões, de grande interesse, que não podem receber tratamento científico e as respostas que a Teologia lhes tem pretendido dar, por serem demasiado concludentes, fazem com que o espírito moderno as encare com suspeita.

Bertrand Russel cita alguns desses problemas:

- a) acha-se o universo dividido em espírito e matéria? O espírito estaria sujeito à matéria ou seria dotado de forças independentes?
- b) para onde marcha o universo? Tem algum propósito? Está evoluindo?

A Filosofia, voltada reflexiva e criticamente para os fundamentos do conhecimento e buscando compreender os valores que dirigem a ação, procura conhecer a origem dos problemas e criar para eles respostas racionais, à base de provas especulativas.

O conhecimento filosófico distingue-se do científico pelo objeto de investigação e pelo método. Os objetos da ciência são os dados próximos, imediatos, perceptíveis pelos sentidos ou por instrumentos, pois sendo de ordem material e física, são por isso suscetíveis de experimentação. O objeto da Filosofia é constituído de realidades mediatas, não perceptíveis pelos sentidos e por serem de ordem supra-sensível.

São suas características básicas:

- 1) *É sistemático*: sua base é a reflexão que busca ser a melhor tentativa de solução para os problemas;
- 2) *É elucidativo*: a missão da Filosofia não é explicar o mundo, mas esclarecer e delimitar com precisão os pensamentos, conceitos e problemas que de outro modo ficariam confusos;
- 3) *É crítico*: rege-se por aquela disposição metódica pela qual não se deve aceitar nada sem exame prévio;
- 4) *É especulativo*: tem aquela atitude teórica, abstrata, amplamente globalizadora, que envolve os problemas numa visão total. A especulação implica em admitir hipóteses e possibilidades para compreender algo; questionar sob vários aspectos.

A nossa razão, portanto, entende a Filosofia, tem ao mesmo tempo algo de especulativo e de místico: quer explicar e iluminar um pouco mais do que é cientificamente apresentado.

A Ciência nos dá fórmulas exatas a respeito do comportamento da matéria, mas nada nos diz a respeito do seu valor, não no sentido econômico, mas existencial, de algo que interage com o homem e modifica a sua vida. E o conhecimento deste valor, só a especulação filosófica nos pode dar.

“Acho que na sociedade actual nos falta filosofia. Filosofia como espaço, lugar, método de reflexão, que pode não ter um objectivo determinado, como a ciência, que avança para satisfazer objectivos. Falta-nos reflexão, pensar, Precisamos do trabalho de pensar, e parece-me que, sem idéias, não vamos a parte nenhuma.”

José Saramago, escritor português / 1922-2010

Conhecimento Empírico

Também chamado de vulgar, é o conhecimento do povo, obtido ao acaso, a partir da observação dos acontecimentos e das relações do mundo material exterior, pela qual o homem toma consciência das experiências alheias, incorporando, principalmente pela tradição, o legado das idéias transmitidas de geração a geração. É o conhecimento da cultura popular.

Pelo conhecimento empírico o homem simples conhece os fatos e as coisas em sua ordem aparente, por experiências feitas ao acaso, sem método, e por investigações pessoais feitas ao sabor das circunstâncias da vida.

O conhecimento empírico é intuitivo, inexato e imediatista, desprovido de cientificidade. Enfim, é o conhecimento subjetivo.

Apresenta quatro características básicas:

- 1) *É assistemático*: adquire-se ao acaso, à medida que as coisas e os fatos se apresentam. Sua construção não segue um procedimento de rigor técnico;
- 2) *É acrítico*: não admite dúvidas acerca de sua superficialidade. Supõe que as coisas são como parecem ser. Não examina a validade ou verdade deste conhecer;
- 3) *É impreciso*: destina-se exclusivamente à sobrevivência biológica do homem no seu meio físico, ignorando outros fatores mais profundos, interferentes e determinantes em termos da cultura e do meio social, etc.;

- 4) *É autocontraditório*: a imprecisão do conhecimento vulgar torna-o quase sempre contraditório, inconsistente, falho na essência de suas constatações.

Quando o conhecimento vulgar é admitido por influência da religião, temos a chamada “mentalidade média”, que é a visão radical sacralizada. Quando se assenta na opinião comum a todas as pessoas, falamos do “senso comum”.

Conhecimento Científico

O conhecimento científico vai além do conhecimento empírico. Permite ir além do fenômeno e compreender as causas e leis que o regem. É o tipo de conhecimento que busca explicar de forma sistematizada e racional, portanto lógica.

É raciocinado, exato e reflexivo, baseado no estudo coordenado (pesquisa). Enfim, é o conhecimento objetivo.

A ciência é um sistema de proposições rigorosamente demonstradas, constantes, gerais. É um conhecimento apoiado na demonstração e na experimentação. A ciência só aceita o que foi provado. É, ao mesmo tempo, um saber teórico sobre o mundo e um poder prático sobre ele.

Conhecemos uma coisa de maneira absoluta, dizia Aristóteles, quando sabemos qual é a causa que a produz e o motivo porque não pode ser de outro modo. Isto é saber por demonstração; por isso a ciência reduz-se à demonstração.

Quando a ciência afirma conhecer o mundo dos fenômenos é porque descobriu que eles se “comportam” dentro de uma certa regularidade, num sistema complexo, como que obedecendo a leis. Eis o conhecimento científico: explicar essas leis naturais, as mesmas causas que produzem os mesmos efeitos.

Segundo Einstein, “a ciência pode apenas determinar o que é, não o que deve ser”.

O conhecimento científico busca:

- a) tornar inteligíveis certos aspectos do universo explicando-os de maneira rigorosa, criando um corpo de conhecimentos precisos, levando à criação de teorias;
- b) conferir ao homem poder sobre a natureza.

São características deste conhecimento:

- 1) *É certo*: porque sabe explicar os motivos de sua certeza;
- 2) *É geral*: conhece no real o que há de mais universal, válido para todos os casos da mesma espécie;
- 3) *É metódico, sistemático*: o pesquisador não ignora que os seres, as coisas e os fatos estão ligados entre si por certas relações. O seu objetivo é encontrar e reproduzir este encadeamento.

A ciência, em todas as suas ramificações, adquire funcionalidade através de um método próprio. Este método, a serviço da ciência, diz respeito a um conjunto de técnicas aplicadas, sequencialmente, na cronologia de uma pesquisa.